

EMMANUEL

vida & morte



EMMANUEL
vida & morte

Diversos Autores

EMMANUEL
vida & morte



COOJORNAT

Direitos reservados
a COOJORNAT

Projeto gráfico: Oficina Viva

Capa: Venâncio Pinheiro

Fotos: Henrique José

Composição: Editora Clima

Fotolitos e impressão: COOJORNAT

Agradecemos ao apoio do Centro de Direitos Humanos
e Memória Popular — Filiado ao MNDH — Movimento Nacio-
nal dos Direitos Humanos.

A Ditadura Militar marcou um período sombrio de nossa vida política. Em nome da Segurança Nacional, atrocidades foram cometidas com requinte de crueldade contra brasileiros que não estavam de acordo com o regime.

Mulheres, homens, velhos e crianças foram torturados: lares invadidos e não faltaram os seqüestros, desaparecimentos e assassinatos de opositores políticos.

Os horrores praticados pelo Estado macularam a imagem idílica que fazíamos de nós mesmos: Um povo cordial e pacífico. Mas também revelaram o anseio de liberdade e a ousadia de segmentos populares que resistiram e combateram aquele estado de coisas.

Ao abriremos a vala clandestina do Cemitério de Perus, fizemos emergir com vigor os fatos daquele passado recente, que obstaculizam, ainda hoje, o avanço democrático em nosso país. As ossadas encontradas na vala confirmam as denúncias de familiares de presos políticos, feitas desde meados da década de 70 quando os movimentos pela Anistia iniciaram suas primeiras articulações.

O nosso compromisso, à frente do Governo Municipal de São Paulo, foi o de buscar a verdade e a justiça, não medindo esforços para elucidar os crimes cometidos pela Ditadura Militar. A direita não poupou ataques ao governo e a minha atitude. Mas os resultados de nosso trabalho são mais contundentes. Identificamos e entregamos aos familiares os restos mortais de três presos políticos, mortos sob tortura nos cárceres da repressão política: Denis Casimiro, Antônio Carlos Bicalho Lana e Sônia Maria Lopes de Moraes. Neste trabalho travamos um íntimo contato com a dor e a emoção das mães, familiares e pessoas envolvidas, durante todos estes anos, na busca dos desaparecidos políticos.

Não podemos consolidar a democracia com seus corpos insepultos e sem respostas a suas famílias e à sociedade brasileira.

Eram jovens, em sua maioria, que sonhavam com uma pátria livre, democrática e soberana.

Mesmo sem ter conhecido Emmanuel e seus companheiros, considero-o assim: um jovem amante da liberdade e da justiça.

Esse sonho integra a nossa utopia - a conquista de uma sociedade livre, justa e igualitária.

O resgate de suas vidas e de suas mortes torna-se necessário como parte do nosso patrimônio histórico.

São Paulo, 13 de março de 1992.

LUIZA ERUNDINA DE SOUSA
Prefeita

EMMANUEL: UM BELO EXEMPLO DE HEROISMO

Hélio Vasconcelos (*)

A vinda dos restos mortais de Emmanuel Bezerra dos Santos para as terras do Rio Grande do Norte, além de representar um marco de solidariedade e alta significação para os seus familiares e para todos quantos lutaram contra os negros anos da ditadura, resgata um momento histórico que precisa e deve ser relembrado.

Era uma vez um menino, filho de pescadores de Caiçara do Norte (São Bento do Norte), que, quando rapaz, veio para Natal e foi residir na Casa do Estudante, para continuar seus estudos no Atheneu.

Participou da política estudantil secundarista e ingressou no Partido Comunista Brasileiro (PCB). Desde logo, despontou na liderança dos movimentos que, à época, se insurgiam contra o regime ditatorial. Posteriormente, ingressou no Partido Comunista Revolucionário e foi membro do seu Comitê Central.

Foi morto, segundo notícias que se tem, em 1973, quando viajava para o Chile, mais exatamente na fronteira do Brasil com a Argentina.

Tem-se claro um exemplo de luta e de heroísmo, vivido, corajosamente, por um jovem que desafiou, nos mais áspersos tempos, os bárbaros torturadores, impostores de uma "ordem" que se implantou pela força e dela fez o seu trágico e danoso ideário.

Além de Emmanuel, o Rio Grande do Norte teve mais mártires e heróis, refiro-me às admiráveis pessoas de Luiz Ignácio Maranhão Filho e Hiram Pereira, dados como "desaparecidos", na época, e dos quais, até hoje, não se tem notícias de onde foram sepultados.

Mas, o exemplo de Emmanuel e de tantos outros, que queríamos vivos, nos deixou um legado e, mais que isso, a responsabilidade de continuarmos a dura peleja em favor da defesa intransigente do Estado de Direito e, dentro dele, do respeito aos Direitos Humanos.

É por isso mesmo, que a Seccional da Ordem dos Advogados do Brasil, através da sua Comissão de Direitos Humanos, juntamente com a Comissão de Justiça e Paz, da Arquidiocese de Natal, e várias outras organizações da sociedade civil, desenvolvem um trabalho em defesa da vida, contra todas as formas de injustiças, implícitas ou explícitas, que penalizam, sobretudo, as camadas menos favorecidas da nossa sociedade.

Esse trabalho, embora modesto, mas corajoso, se inspira no bravo exemplo de heroísmo que Emmanuel nos deixou.

* Vice-presidente da OAB/RN e membro do Comitê em Defesa da Vida.

IMAGENS... E A IMAGEM DE EMMANOEL

Anchieta Fernandes P. (*)

Fui amigo de Emmanuel Bezerra dos Santos. Fui companheiro em inesquecíveis bate-caixas sobre temas literários. Nunca esqueci de um fato que demonstrou a sua modéstia: ao ser lançado um concurso de crítica literária sobre a obra de João Cabral de Melo Neto, pelo jornal "Correio do Povo", nos idos de 1963, Emmanuel me perguntou se eu ia participar do concurso, e eu ao responder afirmativamente ele então disse que não iria mais participar.

Mas o Emmanuel Bezerra dos Santos que eu acho importante recordar não é o jovem literato, autor de alguns poemas bonitos, e sim o Emmanuel que foi Presidente da Casa do Estudante do Rio Grande do Norte no ano de 1967. Aquele foi um ano de dificuldades para a casa. No livro "História da Casa do Estudante do Rio Grande do Norte", Aluísio Azevedo registra que desde o início de 1967 a referida entidade estava passando por sérias dificuldades financeiras, com enormes débitos agravados com o corte da subvenção federal.

Aluísio diz textualmente: "Talvez o mais triste de todos os registros encontrados nas atas das sessões da Casa do Estudante, durante este período de seus 36 anos de existência, tenha sido o da reunião de 04 de abril de 1967, onde se lê: "na despensa da instituição só havia o depósito de 2 sacos de feijão. Nem sai de cozinha havia. O débito era muito grande e na Tesouraria havia um saldo de apenas quatro cruzeiros (Cr\$ 4,00)".

Pois bem. Emmanuel Bezerra teve uma administração excelente, passando por cima das dificuldades, reduzindo despesas e apelando por ajuda ao Governo do Estado, à Prefeitura de Natal, à SUDENE e prefeituras do interior.

Era o Emmanuel dinâmico. o Emmanuel que já demonstrara sua capacidade, agindo na direção do jornalzinho "Boletim Mensal", do Grêmio Litero-Cultural Câmara Cascudo, da Casa do Estudante do Rio Grande do Norte, onde o próprio Emmanuel escrevia artigos sobre o papel da burguesia nacional no momento histórico que então vivíamos, e onde se revelavam os futuros jornalistas da cidade, como João Batista Machado (escrevendo sobre o problema do sal na economia do RN). Na época, o grêmio literário da Casa do Estudante estimulava bastante as atividades culturais, promovendo concursos de prosa e poesia, palestras dos intelectuais da cidade no recinto da casa, exposições de artes plásticas dos residentes.

Depois, o Emmanuel tornou-se ativista político, ingressando nos "aparelhos" que atuaram em quase todo o país. Perdi contato com ele. Eis que de repente, em certo

dia nos idos de 1973, a reportagem sensacionalista do "Diário de Natal" noticiava que fora assassinado em São Paulo, em troca de tiros com a polícia, o "terrorista" Emmanuel Bezerra dos Santos. Ilustrando a matéria, a foto mostrando o rosto sereno de Emmanuel, com aquele olhar inteligente e aquele bigodinho misto de nordestino e mexicano, aquela enorme testa, os cabelos alisados para trás, romântico, a boca sensual meio aberta em um quase sorriso.

EMMANUEL, PRESENTE, PRESENTE, PRESENTE!

Dermi Azevedo(*)

Emmanuel tinha a paciência, a firmeza e a simplicidade de um revolucionário. Nós, que descobríamos no movimento estudantil os primeiros passos na luta por uma nova sociedade, tínhamos nesse corajoso companheiro uma permanente referência.

Nos finais de tarde e começos de noite, quando nos encontrávamos para um balanço das lutas cotidianas, sempre ouvíamos dele palavras de encorajamento. Ele nos lembrava o eixo central de nosso trabalho político: "Desgastar a ditadura e formar quadros para a Revolução".

Incentivava-nos sempre para o estudo, o aprofundamento teórico de nossa prática. Quantas vezes nos reunimos para o estudo e debate em grupos, a partir da leitura de clássicos da luta revolucionária. O pátio do antigo restaurante universitário transformava-se, então, numa escola "sui generis" em que tecíamos - com toda a indignação de nossa juventude - o fim do arbítrio e o nascimento de uma nação de homens e mulheres livres.

Lutávamos nas ruas de Natal contra a submissão do Brasil aos vorazes interesses do capitalismo internacional. Denunciávamos em nossas assembléias a utilização dos mais empobrecidos do Rio Grande do Norte e do Nordeste como cobaias para experiências "educativas", "made in USA" e para incipientes e massivas campanhas de controle da natalidade.

Enfrentávamos a diabólica aliança entre os senhores das armas, do dinheiro e do saber oficial que se uniam para reprimir a mobilização libertária dos estudantes. E logo passamos a sofrer as conseqüências de nossa adolescente conscientização.

Foi em meio à luta que conheci Emmanuel. Foi ele que me fez conhecer, mais tarde, Manoel Lisboa de Moura, revolucionário de Alagoas, andarilho da libertação do Nordeste e do Brasil. Certa vez, encontramos-nos os três nos batentes de uma escadaria da Ribeira para uma avaliação das nossas tarefas. Eu, um aprendiz. Emmanuel e Manoel, mais experimentados, mais tarimbados...

Ao testemunhar recentemente a exumação dos ossos de Manoel e Emmanuel de uma vala de indigentes no cemitério de **Campo Grande, zona sul de São Paulo**, disse aos legistas, policiais, coveiros e militantes de direitos humanos que ali se encontravam: "Saibam todos vocês que estes ossos foram o alicerce de duas grandes personalidades, de dois lutadores que foram até o fim na busca de um Brasil sem miséria, de uma América Latina sem tantas desigualdades, de um mundo sem exploradores, nem explorados". Na sepultura, encontravam-se camisas de

flanela (era irio quando os algozes descontaram em Emmanuel e Manoel seu ódio contra a justiça, a paz e a democracia). A terra também não destruiu as chinelas de couro, tão usadas nas andanças dos camponeses nortestinos...

Emmanuel volta agora à nossa terra norteriograndense. Com ele, todos aqueles que foram também, um dia, de um modo ou de outro, vitimados pela sanguinária ditadura: Djalma Maranhão, Luís Maranhão, Virgílio Gomes da Silva, Anatalia, José Siltan Pinheiro, Kerginaldo e tantos outros companheiros e companheiras...

É este um momento de reencontro do Rio Grande do Norte com sua memória, com sua história. História de muitas gerações de revolucionários, desde a Comuna de Natal em 1935 até à saga dos trabalhadores rurais por terra para trabalhar e sobreviver. História também daqueles que se colocaram do lado dos opressores e que se apropriaram da atividade política deste Estado em favor de interesses oligárquicos. Ou mesmo daqueles que procuram esconder da própria história a responsabilidade que tiveram nos conchavos da repressão e da perseguição política.

Na permanente transmutação da vida e da natureza, os ossos de Emmanuel transformam-se em poderosas armas que atingem e sacodem as consciências acomodadas e despertam as gerações de hoje para a sua responsabilidade na construção de um mundo justo e fraterno.

A luta de Emmanuel, Manoel e de tantos outros companheiros e companheiras do Rio Grande do Norte não foi em vão. Os frutos já podem ser vistos na crescente organização dos trabalhadores potiguares, na constituição da Frente Popular de Natal, na administração popular e democrática de Janduí cidade do Rio Grande do Norte, no trabalho do Centro de Direitos Humanos e Memória Popular de Natal e em tantas outras iniciativas libertadoras. Engana-se quem pensou que a luta revolucionária foi assassinada nos porões da ditadura!

Por tudo isto, meu caro Emmanuel, você está mais do que nunca presente, presente, hoje e para sempre!

* Jornalista e dirigente do MNDH - Mov. Nacional de Direitos Humanos.

EMMANUEL, DEUS ESTÁ CONOSCO

Edilson Freire Maciel(*)

Há nomes que trazem uma carga arquetípica bastante forte. Vários relacionados a nomes de santos, dados pela nossa formação judaico - cristã. Muitos deles vêm resgatar valores teológicos na esperança inconsciente que os mesmos incorporem um conteúdo místico, a saga de libertação e redenção dos primeiros cristãos ou adeptos de Jahvé.

São comuns nomes como Moisés, Isaias, Abraão, Jacó, José, João, Jorge, Marcos, Miguel, Francisco, Thiago, Pedro, etc. Principalmente na região nordeste de nosso país, área mais assolada pela miséria. Portanto, a expectativa mística, a esperança de uma ação social de caráter sotérico, é alimentada inconscientemente pelas multidões religiosas a procura da Canaã, da terra prometida, do paraíso perdido, passando pelos Macabeus e Canudos.

É nesse contexto que a pessoa de Emmanuel se insere, na projeção do arquétipo, de um animus justiceiro e condutor de homens; o seu nome em hebraico significa Deus conosco. É a justiça divina revelando-se na aspiração inconsciente do povo, tendo o seu filho como mensageiro.

A soma das letras do seu nome dá o número oito. Este número na iconografia do Tarô representa o arcano da justiça, o qual revela-se por uma mulher sentada com uma coroa sobre a cabeça. Na sua mão direita empunha uma espada com a ponta para cima e na mão esquerda segura uma balança. A sua roupa predomina o vermelho e o azul, sendo o restante da figura pintada em amarelo.

Este arcano exprime justiça, equidade, retidão, equilíbrio, plenitude; valores estes perseguidos por Emmanuel. A balança representa a dualidade: O bem e o mal, divisão dicotômica em que se assentava sua ideologia, a nível interior há um chamamento à individuação no sentido do equilíbrio entre os opostos, o que ia de encontro ao pensamento político do mesmo. A espada é um sinal de proteção para os bons e de ameaça para os maus. Foi nesse sentido que ele assumiu esta anima ao abraçar a causa da revolução.

O vermelho e o azul, reúnem os princípios masculino e feminino. Estas cores determinavam comportamentos a nível do inconsciente dotando-lhe o vermelho para a exteriorização e o azul para a interiorização; princípio feminino de todo processo de criação, daí o seu lado revolucionário e poético. O azul é uma cor espiritual eis a sua religiosidade expressa na dedicação à causa revolucionária.

O amarelo representa o verbo, é a cor dos intermediários entre os homens e o céu, a todos os grandes ini-

ciadores, aos condutores de almas. Não era sem razão o seu nome Emmanuel - Deus conosco.

A sigla do seu partido era constituída por três letras, o símbolo da santíssima trindade. Tal algarismo representa o fogo. Em sânscrito a palavra vahni significa fogo e três. A fração cabalística das três letras dá o resultado 1, cuja vibração vermelha, significa poder e liderança, e a cor também representava a bandeira de sua causa de significado profundamente altruístico. Este altruísmo remonta dos heróis míticos; de Apolo, deus músico, deus da adivinhação e companheiro das musas, o vencedor da serpente Piton em Delfos; o dragão que reinava sobre as trevas.

Como cristão, Emmanuel foi batizado com a água e o sal, símbolo da purificação. São João Baptista ao fazer alusão a Jesus, o anuncia como aquele que deve batizar já não mais com a água, mas com o fogo. João Baptista já antevia as provações por que ia passar o Cristo.

No movimento revolucionário era comum a expressão: batismo de fogo, um simbolismo de maior provação na vida de um revolucionário. Emmanuel teve inúmeros batismos nas águas purificadoras do mar de Caiçara do Norte, como também vários batismos de fogo nesta página vergonhosa de nossa história que foram os macabros cárceres da ditadura.

Como uma personificação arquetípica, ele cumpriu a sua missão com estoicismo. As suas aspirações tinham um fundo mitomístico inconsciente, ficando difícil delimitar as fronteiras entre o real e o mágico. Esta aura mística, de mago, com certeza ele trazia. Alguns companheiros o congominavam de monge, talvez pela sua calma, sabedoria ou obstinada esperança.

O leviatã com as suas garras assassinas lhe dilacerou a carne, roubando-lhe a vida, só não matando a esperança do seu povo. Quando a Lua estiver lá no alto, dependurada na cumieira do céu, os homens lembrarão de São Jorge Guerreiro na luta contra o dragão, ela estará também inspirando amores e poesia e nós diremos: Emmanuel, Deus está conosco.

A SAGA DE EMMANUEL BEZERRA

Francisco Alves da Costa Sobrinho(*)

Convivi com Emmanuel Bezerra dos Santos quando, estudantes secundaristas, nos anos 60, participávamos das movimentações e manifestações do Movimento Estudantil, com toda a efervescência que caracterizou a época. Oriundo da JEC, passei a militante da Ação Popular (carregado de pecados e vacilações) e Emmanuel do PCB para o PCR (pregando a revolução a partir do Nordeste). Apesar das divergências que caracterizavam as nossas organizações, tínhamos um profundo respeito e admiração pela sua capacidade de luta, sua constante disponibilidade, sua presença marcante, desassomburada e efetiva, onde quer que fosse a trincheira ou a tribuna.

Além de sua reconhecida participação no Diretório Estudantil Celestino Pimentel, do Atheneu, da presidência da Casa do Estudante (onde afirmou toda a sua capacidade de liderança) e nas diversas agitações políticas, Emmanuel Bezerra foi também um elemento de vanguarda nos movimentos literários e culturais de Natal - exercendo a crítica, compondo poemas ou ajudando a criar e gerir grupos e associações ou, ainda, dirigindo o Cine Clube Tírol num de seus períodos mais significativos.

Bastante visado pela repressão, esteve preso na Delegacia das Rocas e na Base Naval de Natal, sem que isso o intimidasse ou lhe arrefecesse os ânimos. Pelo contrário, saía retemperado e disposto a novas lutas e articulações, ao ponto de evoluir em sua trajetória e alçar vôos mais longos, assumindo dimensão nacional.

Assim, Emmanuel Bezerra dos Santos foi importante protagonista do processo de construção de uma consciência histórica no Brasil. Resgatar sua trajetória é realçar fatos históricos da maior significação, que se encontram excluídos da história oficial. Quem estudar a verdadeira história das lutas de libertação do povo brasileiro, vai localizar Emmanuel Bezerra dos Santos nas linhas de frente, sacrificando a própria vida pelos ideais de construção de uma sociedade igualitária.

* Diretor da COMGRAF e ex-militante da Ação Popular.

MEMÓRIA ATEMPORAL

Franklin Capistrano(*)

EMMANOEL TU ÉS
PALAVRA SUBSTANTIVO NOME
IMAGINAÇÃO SONHO LIBERTAÇÃO
ABRAÇO GESTUAL
TE VI POETA INVISÍVEL
VISIVELMENTE APAIXONADO
SEMEANDO
NO OFÍCIO DO AMOR
NO SACRIFÍCIO DO EXÍLIO
SUBTERRÂNEOS DA VIDA
NAVEGANTE NAVEGAVAS
EM BUSCA DE ROTAS
CAMINHOS DE SÃO TIAGO
DE GALÁXIAS ESTELARES
AS MARGENS DO RIO GRANDE
E OLHOS DA COR DO MAR
ETERNA SERÁ TUA MÍMICA
NOSSA PONTE DE UNIÃO.

NATAL/RN-BRASIL-1992.

* Médico e poeta.

BREVE NOTÍCIA DE EMMANUEL BEZERRA

Inácio Magalhães de Sena(*)

Corria os tumultuosos anos "60". Os astros negros de uma astrologia maldita, impediam de se ver no sol da liberdade em raios fúlgidos. Em Natal, nas praças e soturnamente se falava quase que aos sussurros, de um mundo sem injustiças. Nisto estavam de acordo comunistas e os cristãos, empenhados em trazer a Igreja para a terra.

Neste tempo surge em Natal, vindo das terras de Santo Antão, abade, nosso amigo Emmanuel. Recém convertido ao messianismo marxista - quantas batalhas tivemos, na tentativa de conciliar a essência do catolicismo não reacionário, com uma "praxis libertária". Seus olhos vivos pareciam duas catitas ao dançarem o "Lago dos Cisnes" e logo começava a "Dança dos Sabres".

Muitas águas passaram debaixo da ponte, levando até mesmo a própria ponte. Uma tarde estava eu (onde morava) numa república da rua Felipe Camarão (Natal) e me aparece Emmanuel, assustado, me dizendo estar sendo procurado e se eu poderia deixar ele ficar ali por alguns dias. Deixei. No entanto os moradores (estudantes) da dita república ficaram com medo (eu também tinha), porque o genro do dono da pensão era da Aeronáutica e poderia descobrir. E assim, do meu quatinho miserável, Emmanuel saiu de Natal para entrar na história e no panteão dos mártires da liberdade.

EMMANUEL

Irapuan Rocha(*)

A primeira impressão é a que fica. Dizem. E a dimensão da figura de Emmanuel, se inseria como uma luva na galeria dos homens predestinados. Pelo menos na minha ótica, como expectador e partícipe privilegiado dos anos 60. Vivíamos o pré-64, eu como líder estudantil do Colégio Municipal, o companheiro no time de primeira linha do velho Atheneu. O cruzamento seria inevitável. Naqueles idos, em certo dia, Juliano, Cortez, Jaime, Pinheiro e Emmanuel em agitada altercação, assomaram à Confeitaria Atheneu de propriedade do meu genitor. A postura de Emmanuel se diferenciava pela firmeza e agilidade de raciocínio.

Eis o timbre.

Soube-o depois clandestino em outro agrupamento. Era o nosso companheiro de sempre, hoje fisicamente distante, mas permanentemente junto a nós, de coração comunista.

* Jornalista e ex-militante do PCBR

O COMBATENTE EMMANUEL BEZERRA

José Willington Germano(*)

A recente descoberta de várias ossadas de presos políticos do Regime Militar de 1964, no Cemitério de Campo Grande-SP, traz à tona, novamente, a figura de Emmanuel Bezerra, cujo assassinato pela repressão, era ocultado.

Quem foi Emmanuel Bezerra? Emmanuel foi um dos líderes estudantis mais importantes de Natal e do Rio Grande do Norte no período imediatamente anterior à decretação do AI-5 em dezembro de 1968. Depois disso, Emmanuel cairia na clandestinidade na condição de militante do PCR (Partido Comunista Revolucionário), um dos agrupamentos de oposição armada ao governo ditatorial.

Travei o primeiro contato com ele, em 1965, na condição de colega de turma no 1º ano clássico do Colégio Estadual do Atheneu Norte-Riograndense. Na época, apesar do clima opressivo, o velho estabelecimento ainda representava um ponto importante de debate político e cultural, fato que perduraria até fins de 1968. A partir daí começa a DEMOLIÇÃO cultural e material da centenária instituição educativa.

Chegado de Assu, interior do Estado, onde havia participado de mobilizações estudantis antes de 1964 (tendo por isso, inclusive, respondido inquerito, apesar da minha pouca idade, 16 anos), me deparei com uma turma de elevado nível intelectual e político. Para acompanhar os debates e mesmo participar dos versos tive que estudar intensamente. Ora, da minha classe faziam parte figuras como Juliano Siqueira, Franklin Capistrano, Maurício Anísio de Araújo, Eurico Montenegro Junior, José Bezerra Marinho, e, é claro, Emmanuel Bezerra. Na ocasião, estudavam ainda no Atheneu, Luciano de Almeida, Gileno Guanabara, Sezildo Câmara, Garibaldi Filho e outras pessoas do mesmo quilate.

É interessante notar que embora boa parte desse grupo viesse a ter, num futuro próximo, uma participação de destaque no Movimento Estudantil e em organizações políticas de cunho marxista, na verdade era muito provável que nenhuma dessas lideranças tenha lido O CAPITAL, cuja publicação no Brasil ocorreu somente em 1968. Liasse, quando muito, o MANIFESTO COMUNISTA de 1948, A MISÉRIA DA FILOSOFIA e a ORIGEM DA FAMÍLIA, da Propriedade Privada e do Estado (Engels). Havia no período, como se sabe, uma grande censura e repressão às diversas formas de manifestação cultural, entre as quais a publicação de livros.

Mesmo assim, em 1966, a Editora Civilização Brasileira publicou entre nós a primeira obra do pensador marxista italiano, Antônio Gramsci. Trata-se da CONCEPÇÃO

DIALÉTICA DA HISTÓRIA, que logo chegaria à Livraria Universitária (ponto de encontro obrigatório dessa jovem intelectualidade, sobretudo nas manhãs dos sábados) trazida pelas mãos de Luiz Damasceno, o bem informado divulgador cultural e militante político. A obra foi adquirida por muitos, porém não foi lida na época. Gramsci era um desconhecido, além do mais, a estratégia revolucionária que propunha (a revolução como processo) conflitava com a prática guerrilheira de Guevara, que fascinava a juventude e com a teoria dos focos insurrecionais de Régis Debray, que iriam exercer forte influência sobre os futuros grupos guerrilheiros.

Que autores eram lidos, então, na época? Eram lidos, notadamente, existencialistas como Sartre, Camus e Kafka. Além disso, os ensaios marxistas de Erich Fromm e Marcuse. Trata-se, portanto, de uma formação eclética. Um aspecto importante a ser destacado, diz respeito à sólida cultura cinematográfica do grupo e à importância do cinema no que toca à formação de uma certa visão crítica do mundo. Aqui deve ser enfatizado o papel exercido pelo Cine Clube Tirol e as suas famosas "sessões de arte" (primeiro no Cine Rex, depois no Cinema Nordeste), bem como as marcantes influências de diretores franceses (Goddard, Resnais, Truffaut), italianos (Visconti, Fellini, Antonioni, os neo-realistas) e brasileiros do cinema novo (Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos, sobretudo).

Em largos traços esse era o quadro cultural da época. No tocante à vida política propriamente dita, a partir de 1967 começava a surgir, em todo o país, mobilizações estudantis contra o Regime implantado em 1964. Tais mobilizações se intensificam e se radicalizam em 1968, quando a implantação da ditadura com "D" maiúsculo, mediante a decretação do AI-5, eliminou drasticamente toda e qualquer forma de manifestação pública de oposição ao governo militar.

Ao mesmo tempo, no período 1967-68, o grupo que estava no Atheneu faz vestibular e tem acesso ao ensino superior, dividindo-se entre a Faculdade de Sociologia e Política (Fundação José Augusto) e Faculdade de Direito (UFRN). Esta, porém, não é a única mudança. A medida que o Movimento Estudantil se radicalizava, começaram a surgir divisões no seio da esquerda. Os "Rachas" fizeram com que a partir do PCB, as pessoas comesçassem a se aglutinar em torno de outras agremiações como o PCR e o PCBR. além da Ação Popular até Emmanuel passou então a militar no PCR. Enquanto isto, aumentava o consumo de literatura revolucionária: Guevara, Mao Tsé-Tung, Ho Chi Min, Lenin, Debray, etc.

Emmanuel Bezerra teve uma ascensão política fulminante. Participante dos formados no velho Atheneu (lembro a memorável semana contra a Guerra do Vietnã), militante ativo do Diretório Acadêmico "Josué de Castro" da

Faculdade de Sociologia, orador inflamado das assembleias universitárias, realizadas, quase sempre, no restaurante Universitário (Av. Deodoro) e Presidente (querido e admirado) da Casa do Estudante do Rio Grande do Norte. Era um combatente ardoroso da causa popular e um intransigente adversário do Regime, na luta contra o qual, acabou pagando com a própria vida.

Ao contrário do que comumente acontece no Movimento Estudantil, Emmanuel era filho de humildes pescadores da praia de São Bento do Norte. Essa sua origem de classe (quem sabe?), tenha sido responsável por um certo esquecimento da sua memória (outros esquecidos Kerginaldo Rocha, Nuremberg Borja de Brito e Dermi Azevedo). Por outro lado, a sua origem possibilitou, desde cedo, uma convivência e uma arguta percepção e revolta contra a miséria social, a exploração do trabalho humano e toda e qualquer forma de opressão.

Magro, estatura mediana (mais pra baixo do que para alto), cor morena, fronte larga, cabelos crespos, olhos verdes, pele do rosto estragada, sorriso nos lábios, afável com os amigos correligionários, implacável e irônico com os adversários. Esse era Emmanuel Bezerra. Comp líder, sempre esteve preocupado com a formação cultural dos seus liderados. Assim, na época em que era Presidente da Casa do Estudante, esta se transformou num centro de debate cultural e político. A "casa" tinha uma boa biblioteca e estimulava a cultura e discussão entre os seus sócios. A "casa" era também um centro esportivo e recreativo reconhecido na cidade.

Por conta da sua atuação política Emmanuel foi preso algumas vezes, ainda em Natal, e a Casa do Estudante foi invadida por forças militares. Com o golpe (dentro do golpe) de 1968, a liderança estudantil mais expressiva do Estado, caiu verdadeiramente na clandestinidade e migrou, notadamente para Recife e, depois, para o Rio de Janeiro e São Paulo. Entre esses, Emmanuel Bezerra. Foi a época do enfrentamento armado ao Regime. Nunca mais foi visto em Natal. Preso pelas forças de repressão, esse valoroso combatente da causa popular, foi barbaramente torturado e morto nas masmorras do Regime.

Em seu depoimento ao "Tribunal Tiradentes", (organizado pela Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, em maio de 1983, e presidido pelo Senador Teotônio Vilela). Clara Araújo, então Presidente da UNE, assim se expressou: "Gostaria de citar Emmanuel Bezerra, morto sob tortura, quando, não resistindo às torturas, não resistindo ao fato de seus algozes terem lhe tirado todos os dedos, o umbigo, testículos, pênis, veio a falecer".

Este foi o triste fim desse jovem combatente. Apesar disso, Emmanuel era dado como "desaparecido" ou seja, como alguém cuja prisão ou morte não é reconhecida ou não é do conhecimento das autoridades. Na verdade, as

sinala Luiz Eduardo Greenhalgh, "os órgãos de repressão sabiam os nomes corretos dos mortos e sabiam que estavam enterrando esses mortos com nomes trocados. Era a lei do criminoso. A repressão sabia de tudo e ainda mandava, às vezes, os mortos a julgamentos, nos quais eram julgados à revelia". Pela sua dignidade e pelo seu exemplo de vida Emmanuel merece ser nome de uma escola ou praça. E Viva EMMANUEL BEZERRA!

* Cientista social e prof. da UFRN.

EMMANUEL BEZERRA GIGANTE MAGNÍFICO DE PENSAMENTO E AÇÃO

Josivan Ribeiro do Monte(*)

Lembro-me bem que houve um tempo em que falar o nome de **Emmanuel Bezerra** era um Deus me acuda. Certo dia, eu ainda menino maroto, querendo de tudo saber, passava pela famosa esquina do pecado, onde os namorados se encontravam, fui interpelado por um cidadão só porque perguntava a algum dos colegas quem era o filho de **Joana Elias**, que ninguém queria saber e recusava-se sempre a falar tal assunto. A expressão verbal do dito cidadão foi a seguinte: "Menino deixe esse assunto, ninguém pode falar nisso, que ir para a cadeia?". Silenciamos e caminhamos assustados alguns metros e lá adiante distante do tal cidadão, alguém desengasgou o silêncio e disse: "Cara tú és doido; o filho de Joana Elias é comunista", e eu perguntei "e o que é isso que não se pode falar?" ele disse-me "é o povo que quer vender o Brasil para os estrangeiros e a Polícia Federal só vive atrás dele. Meu Deus! Essa coisa foi tão traumatizante que me fez procurar no canto da memória as interrogações que gostaria de fazer, e por muito tempo não ouvir mais falar desse tal filho de Joana Elias que sequer tinham me dito seu nome. Passados todos esses anos eu já não mais menino maroto; mas adolescente, em busca de maturidade, tive a felicidade de conversar com dona Joana Elias, que pouco via e que alguns antipatizavam, todavia já tinha se elegido cinco vezes vereadora. E da longa conversa que tivemos, não sei se por gostar de poesia ou por ainda ter medo de ouvir o que ela tinha a dizer, só entendi e só memorizei que ela me disse que Emmanoel também era um poeta e que um dia ainda me mostraria suas poesias. Muitas coisas aconteceram e o destino não permitiu que eu tivesse outro contato com ela e em 1983 Deus a levou e levou consigo a esperança que eu tinha de saber mais sobre Emmanuel; mas nem tudo estava perdido: encontrei, sim, quem me desse informação, e a essas alturas já sabia eu o que era comunismo e já havia chegado a algumas conclusões sobre Emmanuel. E o que sabia me inquietava, eu já achava que esse mártir não poderia ficar fora da história, comecei a propagar o pouco que sabia. E o pouco que eu sabia era suficiente para perceber que a esquina do pecado já não era mais encontro de namorados e o que falavam de comunista não era aquela coisa repugnante que me falaram, de repente começaram a me marginalizar porque eu queria falar do mérito de quem de fato tinha. Porém essas taxações engrandeceram meu ego pois tinha plena convicção de que estava querendo o reconhecimento justo de um herói devorado pelos cães da ditadura e posto no ostracismo para que, na posteridade, ninguém quisesse se-

guir seu sublime exemplo de cidadão obstinado que enveredou na luta por justiça.

Lutar por justiça é sinônimo de muita dignidade e pouca vida. Quanto vale uma vida? Não tem preço. Quanto custa para se ter justiça e liberdade? Muitas vidas de homens enormemente dignos que padeceram o corpo nos ferros da ditadura para não se corromperem a certos sistemas espúrios.

Esse sublime exemplo de grandeza de espírito e fortaleza ideológica, se não chegar a encorajar a muitos a enveredar com tanta tenacidade em lutas como essa, mas chegou a empolgar um grupo de estudantes a levantar bandeiras para propagar o nome de Emmanuel; para isso fundaram o Grêmio Emmanuel Bezerra. Que mais sabem esses jovens estudantes sobre Emmanuel, se o que restou foi apenas a lembrança do pouco convívio e mesmo assim ainda se recusam a testemunhar com alguém.

Emmanuel, essa geração que não teve o privilégio de lhe conhecer lhe sauda "In Memoriam" e lamenta não tê-lo vivo, mas se estivesse aqui verias que ainda somos os mesmos medrosos, taxadores e fracos, sem bandeira e sem história, sem memória do passado, atropelados pelo presente e condenados a retroceder no futuro. Quem sabe essa sua volta transcendental e triunfal ilumine nossas mentes para sermos mais autênticos em nossas lutas, mais bravos na busca de objetivos e que esse objetivo não seja "O Eu" e sim "O Nós"

Seus restos mortais nos trazem vida, seus ossos suplantaram mais de vinte anos de mentira, seu exemplo de vida suplantou a ditadura que parecia interminável, eles pensaram que tinham lhe exterminado, no entanto a força da sua ideologia e de outros tantos que se foram, a exterminaram e mais uma vez fica como exemplo para os mentirosos governantes, "Que a mentira pode durar muito tempo mais não o tempo todo".

Bem vindo Emmanuel, nossos corações lhe acolhem, nós lhe agradecemos por ter sido o que foi, por ter vivido obstinadamente em busca de justiça, por ter pago com a vida o preço de nossa liberdade, a você todas as honras, todos os méritos, todo nosso orgulho, nossa afeição e nossos eternos agradecimentos.

* Membro da comunidade de São Bento do Norte.

EMMANUEL BEZERRA DOS SANTOS

Luciano de Almeida(*)

Ideologia, eu quero uma pra viver.
Cazuza

Emmanuel viveu e morreu por uma ideologia.

Foi contemporâneo de uma época e protagonista, até o fim, da revolta de sua (nossa) geração. Emmanuel, como ninguém, conscientizou e interiorizou o sentimento de rebelião dos jovens de 1968.

Emmanuel tinha a cara do nosso povo: macerada, alegre, triste, irônica, esperta. Tinha um jeito desengonçado: um ombro mais alto que o outro ou uma perna mais curta que a outra. Emmanuel era uma pessoa afetuosa, que cultivava a amizade. Emmanuel era um ser humano absolutamente despojado, despreendido: renunciava a qualquer privilégio; revelando uma dedicação franciscana à causa pela qual lutava.

Emmanuel, filho de pescador, adorava uma guarajuba e cantou em versos as praias e o mar de sua Caiçara; lugar onde o sertão toca o mar e o mar umedece o sertão, dando-lhe alento. Emmanuel tinha os olhos verdes fitos no atlântico mar azul.

Emmanuel também se voltava para o sertão, para o Nordeste que pensava em libertar, através do "cerco das cidades pelo campo" em que "o mar viraria sertão e o sertão, mar"; cumprindo-se, portanto, a profecia do Conselheiro que prenunciava "um rio de leite" que saciaria a sede e a fome secular de um povo sedento e faminto, curvado sob um sol escaldante e sob o tacão de capangas e coronéis; mas que ousava rebelar-se, erguendo uma cidade e cultivando uma economia autônoma, natural, sobre a plataforma de um Monte Santo.

Emmanuel tinha um ar algo profético; apesar de ser um "Anunciado", anúncio "In blowing the Wind" transmitido pelo "arcanjo Gabriel" a Dona Joana, sua mãe. Emmanuel era, indubitavelmente, uma figura carismática, que desempenhava uma liderança espontânea no seu círculo.

Emmanuel: estudante, jornalista, poeta, jovem, militante, cidadão, amigo e companheiro; foi tragado pelo abismo da repressão e tortura em qualquer dia de setembro de 1973 em São Paulo, Brasil. Seus algozes, certamente, ainda vivem, obscuramente, mas atormentados pelo fantasma de Emmanuel. Emmanuel, ao contrário, esteve, está e estará entre nós. Sempre.

Natal, 10 de março de 1992

* Jornalista e presidente da COOJORNAT.

EMMANUEL BEZERRA: A TRAJETÓRIA E O SENTIDO DE SUA LUTA

Manoel Duarte (MANU)(*)

Todos já haviam dado entrada na documentação com o pedido de ingresso na Casa do Estudante do Rio Grande do Norte. Cada um aguardava passar no teste de pobreza. Uns além de pobres ainda contavam com recomendação de sócios mais antigos ou pessoas influentes na política do Estado.

Era 1963, entre dezenas de candidatos estava um jovem raquítico, cabelo encaracolado, rosto, já àquela altura, marcado por muitas espinhas.

Chamava a atenção dos mais curiosos ver pendurado no pescoço daquele jovem um grosso rosário que segurava um Agnus-Dei. Ambos representavam seu profundo sentimento de fé e de proteção à tentações do mundo.

Aparentemente tímido e talvez estudando melhor o novo ambiente o jovem externava apenas um sentimento recatado. Vindo de um lugar simples e pacato mais de convivência com homens corajosos que embrenhavam-se mar a dentro para buscar o sustento de suas famílias, ele certamente se perguntava: que tipo de coragem e destemor terão que ter os homens que vivem nesse mundo agitado?

Os seus padrões certamente estavam em conflito com essa nova realidade. Filho de mãe devota e serva de Deus, vereadora pertencente, no seu município, ao esquema dinartista, inclusive no período da ditadura, não lhe seria nada fácil equacionar a sua acentuada religiosidade, os valores políticos herdados e a vida profana e agitada que dominava o coletivo do casarão.

O seu talento, entretanto, surpreendia desafiando as circunstâncias. A sua convicção de quase coroinha começou a ser testada e abalada com as amizades e relacionamento que engendrou no interior da Casa do Estudante e no Atheneu. O gosto pela leitura lhe aflorou com a intensidade e o sentido de quem desbrava terras virgens buscando a fertilidade oculta em suas entranhas.

O contato com a literatura lhe permitia novas incursões no campo do conhecimento humano. De início Jorge Amado, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira, Vinícius de Moraes, Carlos Drummond, José Lins do Rego, Machado de Assis, entre outros, constituíram sua leitura predileta. Daí foi um passo para Eric Fromm e Roger Garaudy que, no campo da psicanálise e da filosofia forneciam os elementos teóricos à compreensão mais próxima da sociedade em que vivia.

Todavia, longe de bastar-se com essa leitura, o jovem buscava cada dia contato com novos enfoques sobre o mundo que pretendia compreender. Essa sede de saber

o arrastou para a vida cultural da Casa do Estudante fazendo-o participar dos concursos de prosa e versos promovidos pelo então Grêmio Litero-Cultural "Câmara Cas-cudo", e, posteriormente, manter seus primeiros contatos com a filosofia marxista.

Concomitante ao seu progresso intelectual salientava-se naquele jovem o interesse pela política. A fé religiosa que herdara de sua mãe foi aos poucos se transformando em opção política e ideológica. Já não lhe bastava compreender o mundo, era preciso intervir decididamente. A sua destacada participação no movimento estudantil secundarista, dentro e fora da Casa do Estudante, lhe credenciaram a disputar a presidência desta.

Ele havia se temperado nos embates de lutas estudantis com os verdugos da ditadura. Naquela época, 1964 a 1966, os movimentos operários haviam sido sufocados pelo regime militar. Era no movimento estudantil que residia a resistência do povo brasileiro aos golpistas de plantão.

Eleito, em 1967, presidente da Casa do Estudante, sucedendo o também saudoso companheiro José Rocha (Kerginaldo), o jovem estudante revelava cada dia, além de inteligência, coragem e ousadia. Transformou a Casa num bastião de resistência e liberdade. Muitos foram os líderes estudantis que de lá saíram e tantos outros que lá iam buscar a base de sustentação de seus projetos políticos, recrutando em seus filiados os quadros de que precisavam para integrar os partidos políticos ou movimentos clandestinos.

Antes mesmo de eleger-se presidente o jovem praieiro já havia ingressado na vida partidária. Naquela ocasião histórica a maioria dos militantes estudantis já pertenciam ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Ele também fazia parte dos quadros do partido. Outros entretanto, se engajaram na Ação Popular (AP), organização política com raízes na doutrina social da Igreja. O Partido Comunista do Brasil (PC do B) não tinha qualquer expressão, ainda, no estado.

A ousadia do jovem presidente inquietava até mesmo os seus companheiros de partido e de Diretoria da Casa do Estudante. Passando sempre por crises periódicas a Casa estava a exigir a tomada de decisões que respondessem às necessidades de alimentação e alojamento para um universo crescente de associados. Aquele jovem impetuoso não vacilou e mantendo contato com o gerente do Banco S. Gurgel negociou o financiamento de 10 (dez) veículos que constituiriam os prêmios de um BINGO que seria promovido pela Casa do Estudante. Muitos temeram e duvidaram da empreitada. Mas o jovem presidente foi em frente e obteve grande êxito, apesar de um incidente ocorrido com um veículo do sorteio, substituído por um novo. Foi com o resultado desse BINGO que se conseguiu

construir alguns novos alojamentos e garantir por algum tempo melhores condições de higiene e alimentação aos moradores da Casa.

A luta travada por ele não se restringia a administração da Casa do Estudante. Em 1967, aprovado no vestibular de sociologia, a sua participação no movimento estudantil universitário era, inegavelmente, da maior importância. Ao mesmo tempo que promoveu uma grande passeata da Casa até o Gabinete do então prefeito, Agnelo Alves, visando pressioná-lo para liberar mais verbas para entidade que dirigia, não lhe faltava tempo para dar apoio e ajudar o DCE na luta contra o acordo MEC-USAID que tinha como objetivo divorciar a universidade dos interesses da Sociedade e transformá-la um mero laboratório a serviço dos grandes grupos nacionais e estrangeiros.

Também esteve à frente, juntamente com outras lideranças estudantis, do movimento em defesa do aproveitamento dos excedentes de medicina, direito e odontologia da UFRN, e do protesto contra a morte do estudante Edson Luiz, no Rio de Janeiro.

Em 1967 foi eleito delegado ao Congresso da UNE, realizado em São Paulo.

Quando chegou a Presidência da Casa do Estudante já havia rompido com o PCB e ingressado no Partido Comunista Revolucionário (PCR). Partido de caráter regional que conseguiu atrair para os seus quadros vários militantes do movimento estudantil em Natal.

Foi nesse novo partido e em face da prisão por um ano, além das perseguições que lhe foram impostas pelo regime militar que o jovem líder foi pouco a pouco se embrenhando na clandestinidade. A sua fé religiosa havia se transformado em crença político-ideológica. Agora só o Partido, o seu programa e o projeto de construção da sociedade socialista lhe interessava. E só a clandestinidade e a "verdade absoluta" da filosofia e da praxis marxista-leninista eram capazes de animá-lo em vôos mais alto em busca da tomada do poder.

Homem sem vaidades materiais, gestos simples e muita coragem pessoal. No caminho de sua luta ou da luta de todos era assim Emmanuel Bezerra dos Santos. Pretendeu aprender de tudo, da Aliança Francesa à defesa pessoal. Nada lhe constrangia por estar bem ou mal vestido ou calçado. Via de regra as roupas melhores que usava ou sapatos que calçava não eram seus. Nada disso lhe afetava. O sentimento de sua consciência e a forma religiosa como abraçou a militância política e a luta pelo socialismo era suficiente para fazê-lo ir em frente.

Mas Emmanuel Bezerra sabia dos riscos de vida que corria. Todos os militantes das organizações clandestinas de esquerda sabiam e sofriam revezes que tornava cada dia mais difícil a sobrevivência subterrânea.

Esse jovem, nascido em Caiçara do Norte, tombou

em nome da liberdade. Os seus equívocos não devem ser invocados para justificar a omissão de muitos. Sua vida deve servir de exemplo sem que se mistifique a sua luta e os seus ideais.

* Sociólogo e presidente do SINAI.

EMMANUEL BEZERRA: PALADINO E PARADIGMA DE LIBERDADE

Rubens Lemos(*)

O velho Atheneu fervilhava de estudante naquele início de tarde de 1968. Fui chegando de baixo do som volumosos de gritos e palavras de ordem. A mais ouvida: "Abaixo a Ditadura". Eu fora convidado pelo estudante JOSÉ SILTON para dar uma palestra em torno da música popular brasileira.

Do alto da escadaria, no saguão de entrada, lá estava ele: EMMANUEL BEZERRA. Com sua cara tipicamente interiorana, o líder da Casa do Estudante falava agitado. As palavras fluíam fáceis e convincentes. EMMANUEL esgrimia palavras como uma espada de fogo - num belo e comovente discurso contra o regime militar que sufocava as liberdades do povo. Chamava/conclamava os colegas para - ao lado do povo organizado - combater a insanidade repressora patrocinada pelos "donos do Brasil".

Policiais (pouco disfarçados) faziam plantão, dentro e fora do Atheneu. Os olhos da Ditadura estavam voltados para aquele jovem nascido em Caiçara.

Não haveria possibilidade de realização do debate para o qual me haviam convidado os secundaristas. A música era outra: a voz de EMMANUEL BEZERRA e, ele próprio, encarnando a resistência contra o arbítrio.

Muitas vezes, mesmo que rapidamente, mantivemos contato. EMMANUEL sempre se mantinha íntegro. Coragem e determinação à flor da pele.

Um dia, a repressão iniciou caçada sistemática ao jovem líder. Ele, porém, já estava nos becos da clandestinidade. Transformara-se num guerrilheiro. **EMMANUEL, O COMBATENTE.**

Em 1970, eu também procurado pela Ditadura, ví-me obrigado a correr mundo. Escondido no Rio de Janeiro, pude saber notícias de EMMANUEL: ele passara a ser um dos principais dirigentes do Partido Comunista Revolucionário (PCR). Durante esse período, nunca cheguei a me encontrar com ele.

De volta à penitenciária (Colônia Penal "João Chaves") - em Natal-RN, ainda completamente massacrado pela torturas sofridas no DOI-CODI, em Recife-PE), eu sabia, apesar de tudo, que EMMANUEL BEZERRA fora assassinado, junto com Manoel Lisboa.

A informação, obtida nos porões do DOI-CODI, era estarrecedora: EMMANUEL BEZERRA havia sido - poucos dias antes da minha chegada àquele organismo de terror - submetido às mais torpes formas de violência contra o ser humano. Todas elas comandadas, segundo a informação, pelo então Coronel Cúrcio Neto, codinome Doutor Fernando. Alguns detalhes macabros: EMMANUEL BEZER-

RA, enfrentando o sadismo dos seus algozes, assumiu uma postura da mais alta dignidade: sabendo de tudo (ou quase tudo), não disse nada, fazendo lembrar a memorável figura de Jean Moulin, herói da Resistência Francesa, conforme André Malraux, em seu livro-documento "Anti-Memórias". Ensandecidos, os torturadores (teria sido, segundo me disseram, o próprio "Doutor Fernando"), cortaram a pele de EMMANUEL à base de tesoura. Sem qualquer assistência ou acompanhamento médico, sobreveio a gangrena e, posteriormente, o "tiro de misericórdia" desfechado pelo Coronel Cúrcio Neto.

O que faço, agora, é repassar o que me foi contado dentro do "círculo de ferro" do DOI-CODI, por fonte (preso político) que, não me parece, tenha estado sob qualquer suspeita da esquerda revolucionária.

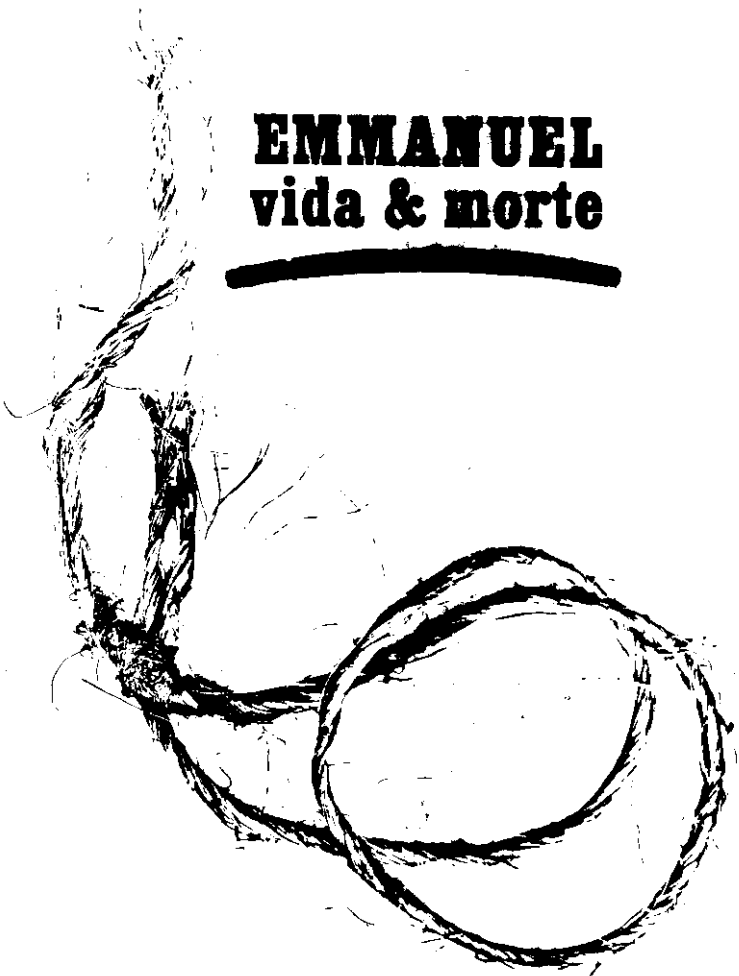
O fato: o que restou de EMMANUEL foi localizado em cemitério clandestino situado a quase 4 mil kms de Recife-PE. Em princípio me causou, no mínimo, estranheza. "Alguém terá mentido?" A reflexão foi necessária e responsável para o que, hoje, me parece óbvio, em termos de conclusão: EMMANUEL era dirigente de uma Organização com profundas raízes (políticas, sociais e ideológicas) Nordestinas. O grande aparato repressor não poderia facilitar e atuou de forma profissional: traslada-se o corpo para uma região, literal e geograficamente distante e distinta (em termos de valores), e ter-se-á eliminado ou embaralhado pistas. Uma questão de segurança, de acordo com a ótica da "comunidade de informação e repressão" então vigente. Infra-estrutura eles sempre tiveram para atingir os objetivos desejados. Até hoje.

De qualquer maneira, o que sabemos (e sentimos) é que EMMANUEL BEZERRA foi assassinado brutalmente por um SISTEMA cruel e desumano.

EMMANUEL BEZERRA morreu como paladino e paradigma da liberdade do povo brasileiro. Por isso - e para revolta embutida pelos seus assassinos - ele permanece vivo.



EMMANUEL
vida & morte



ÀS GERAÇÕES FUTURAS

Eu vos contemplo
Da face oculta das coisas.
Meus desejos são inconclusos,
Minhas noites sem remorsos.

Eu vos contemplo,
Pelas grades insensíveis.
Meu sonho,
É uma grande rosa.
Minha poesia,
Luta.

Eu vos contemplo
Da virtual extremidade.
Minha vida (pela vossa).
Meu amor,
Vos liberta.

Eu vos contemplo
Da própria contingência.
Mas minha força
É imbatível
Porque estais
À espera.

Eu vos contemplo
Do fogo da batalha.
Meus soldados
Não se rendem.
O grande dia
Chegará.

Eu vos contemplo
Gerações futuras,
Herdeiros da paz e do trabalho.
As grades esmaecem
Ante o meu contemplar

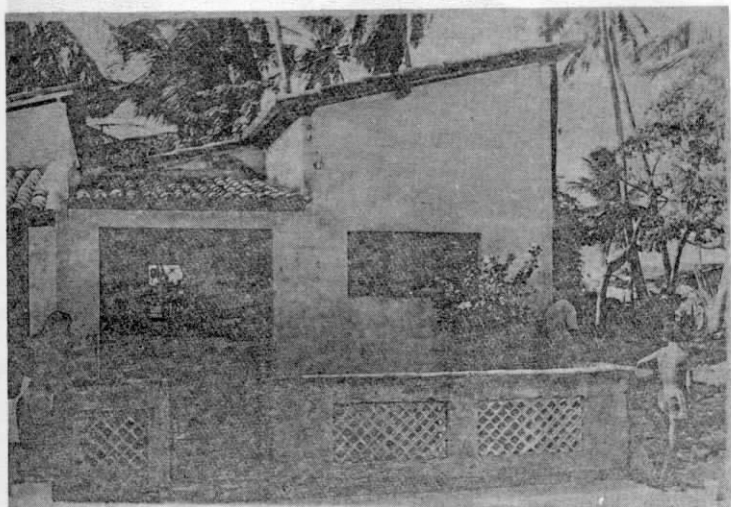
Emmanuel Bezerra dos Santos



Emmanuel, menino-adolescente



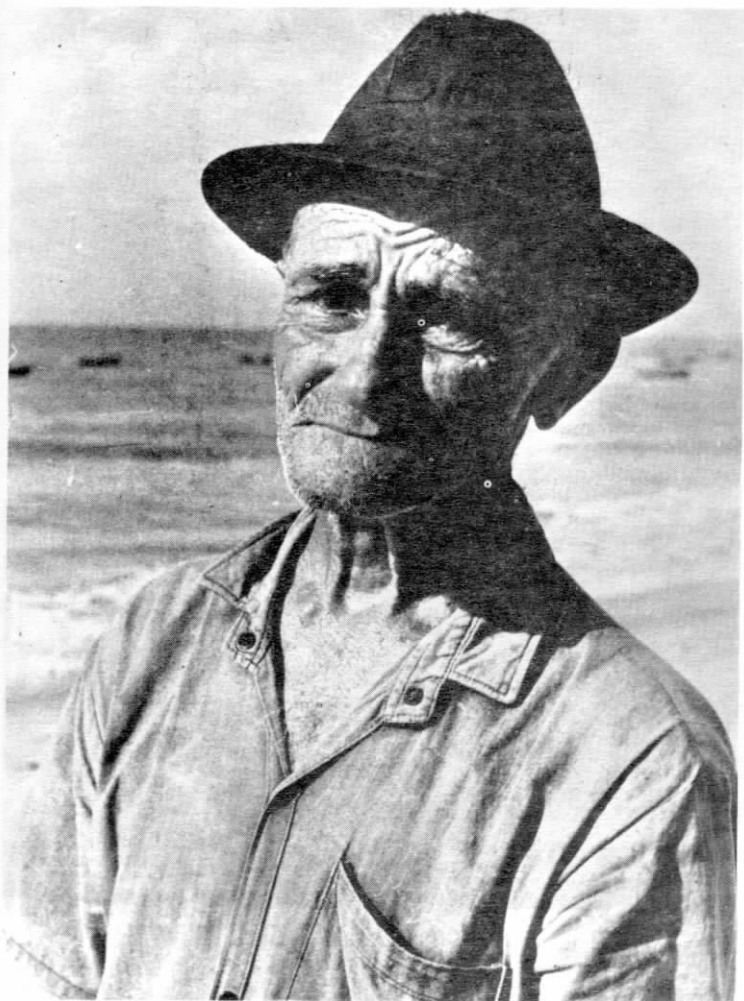
Praia de Caiçara do Norte, terra natal



Residência de seus pais, local onde nasceu e viveu sua infância



Cama onde dormia, até hoje se encontra pronta para recebê-lo



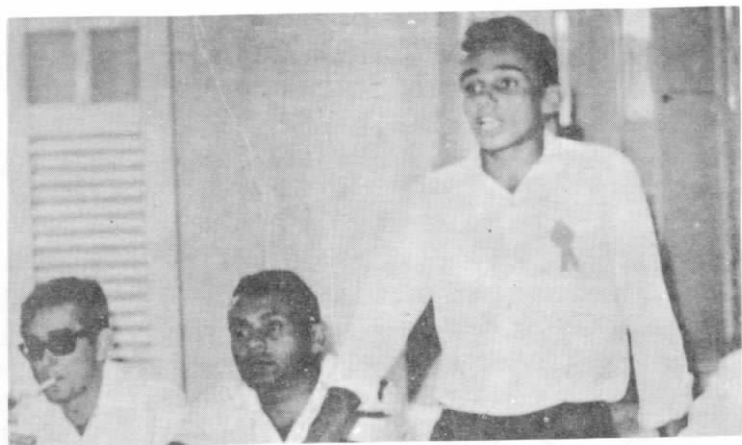
Luis Elias dos Santos, seu pai



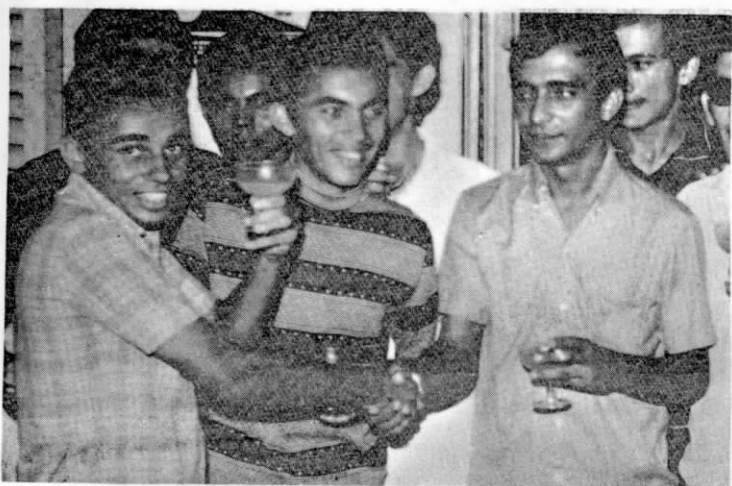
Casa do Estudante de Natal da qual foi residente e presidente



Emmanuel cumprimenta um calouro de 1968



Emmanuel discursa numa assembléia da Casa do Estudante



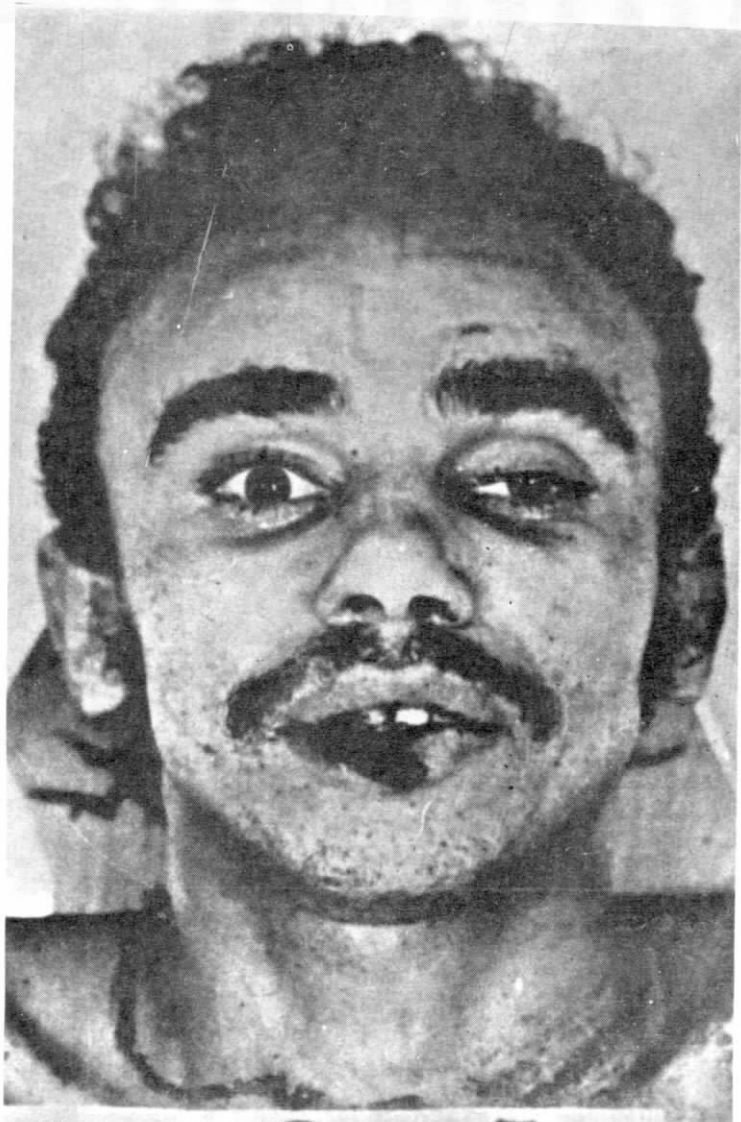
Coquetel de lançamento do Bingo da Casa, Emmanuel ergue a taça



**Emmanuel e Expedito A. Souza em campanha para
o Bingo da Casa**



Emmanuel fala durante manifestação em frente à Casa



5205-72

Espanto, horror, indignação, foram as sensações que experimentei, quando vi esta foto de Emmanuel morto. Ao vê-la, as imagens começaram a fervilhar na minha cabeça. Recuei até 04 de setembro de 1973, 8:30 horas, Largo da Moema, São Paulo. Emmanuel, depois de ter tomado café em algum daqueles botecos do Largo, espera seu companheiro Manoel Lisboa de Moura em um "ponto". Faz frio em São Paulo naquela manhã. Emmanuel esfrega suas mãos, para se aquecer, apesar de seu corpo está na temperatura normal, pois veste uma calça de veludo e um blusão de lã. Sente-se bem, acabava de voltar do Chile, passando pela Argentina, onde tivera contatos com exilados brasileiros. Sente-se bem em ouvir a língua familiar das pessoas em torno. Sente-se bem em estar no Brasil, na LUTA. Por isso espera ansiosamente o "Galego": sabe o prazer que terá quando se encontrar com ele, quando apertar sua mão e abraçá-lo. Tem muito o que conversar. Como andam as coisas no Nordeste, como está o Partido? Agora, lembrou-se de São Bento, e pergunta a si mesmo: Mamãe o que estará fazendo? É o velho? Talvez no mar, pescando. Olha os garis que preguiçosamente varrem a sarjeta do Largo e pensa: essas pessoas ainda viverão num país digno, ainda serão felizes. Imerso nesses pensamentos, não percebe a Veraneio que lentamente está dando a volta em sua direção. Olha o relógio: 8:30 horas. E o Galego? Subitamente, o carro se detém diante dele e saltam 4 homens armados com metralhadoras e gritam pra ele. Não sabe o que dizem, não ouve nada, não pensa nada. Apenas os vê. Sobressaltado. Pensa: estou cercado! Não há tempo para nada: os "garis" largam suas vassouras e se agarram com ele. É imobilizado, os "garis" já puxam suas mãos para trás e colocam as algemas. Violentamente é arrastado para dentro do carro. Ao entrar e antes de ser encapuzado e arremessado ao chão. Emmanuel fita o homem que está no banco da frente da Veraneio, testa larga e olhos frios, que lhe diz, rindo: Flávio você está morto: você vai conhecer e viver o inferno e arrepender-se de ter nascido... O automóvel parte velozmente... Emmanuel morreu torturado; não quero imaginar e imagino sua agonia. Seus olhos, são olhos de quem não queria morrer; olhos abertos, escancarados para a vida. O olho esquerdo está semi-fechado, teimando

em abrir-se, para denunciar seus algozes, que devem tê-lo esmurrado no olho que está inchado. Seus lábios também estão intumescidos. Sua testa apresenta sinais de ferimentos, acima do olho esquerdo. A base de seu nariz está visivelmente inchada. O lábio inferior, cortado. Em volta de seu pescoço, desenha-se um colar de morte, como se fôra feito a fogo. Eis o que fizeram com Emmanuel! Emmanuel!! jamais esquecerei o seu rosto nesta fotografia, como a querer dizer, gritar algo, mas que silencia na penumbra da morte. (Luciano de Almeida).

